

EXPANDIDO**ACOLHIMENTO, ESCUTA E SENILIDADE: UM MUSEU PODE SER UM ESPAÇO TERAPÊUTICO?**

(Modalidade de trabalho: Apresentação Oral)

O presente trabalho tem como objetivo discutir a relação comunicativa empreendida entre o Museu Histórico de Morro Redondo e os idosos, tendo como objeto de estudo os usos terapêuticos que podem assumir os museus. O Museu em questão é situado em Morro Redondo - RS, distante cerca de 43 km da Cidade de Pelotas. As ações doravante descritas, que estão no escopo da comunicação museal, partem da necessidade de ampliar o acesso aos museus, atitudinal e cognitivamente, indo de encontro à ideia, que ainda paira no senso comum, de que museu é lugar de morte e congelamento do passado. Partimos da premissa que os idosos, geralmente alijados das ações oferecidas pelos museus, podem trazer vida e dinamismo a esses espaços, tendo em vista sua vitalidade e vontade de narrar suas memórias. Da mesma sorte, e em sentido inverso, podem colaborar com os idosos no delineamento de suas memórias e identidades, individuais e sociais, sobretudo quanto partilhadas coletivamente. O tempo e o lugar da evocação de memórias dá-se durante os encontros denominados “Café Com Memórias”, que são produzidos conjuntamente entre o Museu Histórico e as comunidades morrorredondenses.

Durante o evento, realizado mensalmente, o Museu propicia a integração dos idosos com os participantes do Projeto de Extensão: “Museu Morrorredondense: Espaços de Memórias e Identidades”, vinculado ao Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel. As ações têm como protagonistas os objetos museológicos, utilizados como evocadores de memórias (CANDAUI, 2009), em interação dinâmica com os idosos, mediados por uma equipe multidisciplinar – agregando, além de estudantes e professores da Museologia, um estudante de Psicologia e dois profissionais da Terapia Ocupacional, todos oriundos da Universidade Federal de Pelotas.

Corroborando com a “Recomendações Unesco 2015 para a Proteção e Promoção de Patrimônio Museológico e Coleções”, acreditamos que os museus devem ocupar-se de ampliar o acesso e promover a cidadania, desempenhando um papel ativo nas comunidades a que servem. Deste prisma, cremos que as coleções confiadas aos museus só ganham sentido se apropriadas simbólica, identitária e mnemonicamente. No escopo deste trabalho, para além da gestão do acervo, ao Museu interessa preservar vidas, designadamente dos idosos da Cidade. Ao utilizarmos objetos museológicos como gatilhos para evocar histórias de vida, entrelaçam-se às narrativas, em uma mesma rede heterogênea, passado e presente, mortos e vivos, objetos e gente, perto e distante. Ao serem trabalhadas de forma solidária, desloca-se o conceito de memória individual para o contexto da memória coletiva (Halbwachs, 1990).

Nesse sentido, o Café com Memória presta-se a esse objetivo: conectar vidas através dos objetos musealizados. No mesmo compasso, a partir do ritual de evocação, fortalecer memória por intermédio da estratégia da reminiscência – processo utilizado pela Psicologia para recuperar experiências pessoais que são utilizadas para fins terapêuticos. O Café propõe-se, ainda, a oferecer um suporte de escuta afetiva e acolhimento, principalmente àqueles que enfrentam dificuldades inerentes ao envelhecimento. As trocas que se efetivam no processo de fala e de escuta potencializam o cunho terapêutico, sobretudo ao dar protagonismo àqueles idosos que vivem em isolamento social ou que, fruto de um estigma social, não são escutados mesmo quando cercados por pessoas.

Analisando o “Café Com Memórias” através do olhar da Terapia Ocupacional, que denomina as estratégias de reminiscência como “Revisão de vidas” (PEREZ & ALMEIDA,2010), acredita-se que os trabalhos em grupos potencializam o bem-estar do paciente, na medida em que utiliza-se de estímulos como atividades expressivas, que redundam em acessar a história de vida dos sujeitos e favorecer o repasse de suas vivências.

A atividade tem aporte teórico as perspectivas de Bosi (1994) e Araújo et al. (2005) ao afirmarem que memória é trabalho. Nesse enfoque, por intermédio do trabalho de memória, os grupos de terceira idade potencializam a cognição, reforçam seus vínculos identitários e formam redes psicossociais que os auxiliam no enfrentamento das questões referentes ao envelhecimento. De acordo com Aranha (2003), o trabalho em grupo com pacientes idosos auxilia-os a superar e ressignificar os estereótipos atribuídos à senilidade. Em sentido convergente, Brunello et al. (2001) que atividades em grupo podem favorecer o fortalecimento e a construção de vínculos grupais, construção de projetos coletivos e identificação de necessidades comuns.

Importa mencionar que a relação travada entre objetos museais e os idosos está baseado em uma experiência sensorial múltipla. Em todos os encontros, os idosos elaboram um alimento a partir de uma receita familiar que era consumida e apreciada durante a infância deles e que o café é servido em objetos afetivos trazidos por eles mesmos, com o intuito de potencializar a rememoração através da relação sensorial.

Com o desenrolar das atividades observou-se que o objetivo inicial da pesquisa poderia abranger outro foco, como: desenvolver instrumentos que contribuíssem para que a documentação museológica do acervo ultrapassasse a realidade objetiva e epidérmica dos objetos. Ao longo das buscas pela biografia dos objetos museológicos, para fins de complementar a documentação dos mesmos, observou-se que os moradores idosos são importantes fontes de informação, tendo sido a memória dos idosos apropriada pela comunidade local como um importante patrimônio imaterial.

É por intermédio do trabalho de memória, e dos nexos criados com objetos, pessoas, lugares e tempos, que buscamos, nesta pesquisa, colaborar com a vitalidade dos idosos – ao menos em termos cognitivos, identitários e mnemônicos. O Museu intenta, por intermédio das ações, contribuir com a saúde mental e com a ideia de pertencimento dos idosos com seu espaço social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, V. C. O trabalho com Grupos In: JACOB, W.F. **Prática a caminho da senecultura**. São Paulo: Atheneu, 2003. p 23-30.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARAVALHO, V. A. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de Grupos de Convivência. **Psicol. Ciên. Profissão**, v. 25, n. 1, p.118-131, 2005.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p. 3ed.

BRUNELLO, M. I. B.; CASTRO, E. D.; LIMA, E. A. Atividades humanas e Terapia Ocupacional. In: BARTALOTTI, C. C; PRADO DE CARLO, M. M. R. **Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus, 2001. p.41-59.

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1 jan/dez. 2009, p.43-58.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

PEREZ, M.P.; ALMEIDA, M.H.M. O processo de revisão de vida em um grupo como recurso terapêutico para idosos em Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup.** Universidade de São Paulo, v.21, n.3, p.223-229, set./dez. 2010.

UNESCO. Recomendação Relativa à Proteção dos Museus e das Coleções, da sua Diversidade e do seu Papel na Sociedade. Paris, 20 de novembro de 2015. Tradução não oficial da Recomendação da UNESCO, realizada pelo Instituto Brasileiro de Museus e revista pelo ICOM Portugal. Disponível em: http://icom-portugal.org/multimedia/documentos/UNESCO_PMC.pdf. Acesso em 12 jan. 2017